



Bruna Kalil Othero
Luana Simonini
Sofia Cupertino

De Versas
microantologia de poetas mineiras

*De
Versas*

Curadoria e editoração: Beatriz Chaves Fontenelle

Projeto gráfico: Beatriz Chaves Fontenelle e Marcelo Chaves

Stencil da capa: Marina Luz Alves e Pedro Valente

Foto da capa: Marina Luz Alves

Do ventre fez-se verso...

Literatura, poesia. Substantivos femininos, tais quais Bruna, Luana, Sofia. *De Versas*. O título sugestivo diz exatamente tudo o que parece dizer: diversidade feita de versos – ou melhor, versas. Neologismo criado com toda a licença daquelas que abençoam o fazer poético no feminino e com marca de gênero.

Feitos por, para e sobre mulheres, os poemas aqui reunidos caminham entre o útero e a alma, a solidão e o afeto, o grito de dor e a palavra de luta. Um pouco de tudo aquilo que se pode chamar feminino – nos sentidos biológico, antropológico, sociológico e, acima de qualquer definição, poético. Poesia escrita por quem, não satisfeita com o lugar canônico de musa, escreve a si mesma com suas próprias mãos.

Esta pequena publicação consiste em um compilado de poemas de três autoras mineiras, Bruna Kalil Othero, Luana Simonini e Sofia Cupertino, mulheres reais dando seus primeiros passos no enorme cenário da literatura contemporânea brasileira. Além dos poemas, a imagem da capa – um stencil fixado em uma caixa de luz na Avenida Afonso Pena –, é também carregada de uma poética bela e crua, na arte e na expressão dos olhos, ambas creditadas à Marina Luz Alves.

Logo na capa, Marina coroa esta obra com a beleza do acaso. A imagem feminina foi encontrada ao acaso, acaso este que também trouxe até mim a autora. Já ao primeiro contato, a fotógrafa – e também fotografada – teve a generosidade de ceder sua arte, feita junto ao seu parceiro Pedro Valente, para ilustrar este livro.

Com uma bagagem literária que desafia a lógica dos seus vinte e poucos anos, Bruna Kalil Othero abre a coletânea de poemas. Influenciada pela escrita de poetas como Hilda Hilst e Adélia Prado, Bruna faz das emoções uma experiência empírica, sinestésica. Sua escrita, ao mesmo tempo, acaricia e corta. Nem o mais frio dos peitos está imune ao soar dos seus versos.

A autora e intérprete belo-horizontina Sofia Cupertino empresta toda a sua musicalidade e dá voz à segunda parte do livro. Seus versos – falados ou cantados – trazem no cerne a força de um feminino que é poético em sua própria natureza. Uma energia vital que não se limita apenas a gerar uma outra vida, mas que alimenta a si própria.

Fechando o livro, os versos de Luana Simonini trazem sempre algo na espreita, que te pega desprevenido e dá susto. Com imensa criatividade e sensibilidade, Luana dá voz ao silêncio de mulheres como se estivesse ela mesma na pele de suas protagonistas – ao mesmo tempo, tão distantes e tão próximas da sua realidade. Em sua escrita, prevalece a diversa unidade do que é ser mulher.

Em *Um teto todo seu*, ouvimos Virginia Wolf dizer que “(...) qualquer mulher nascida com um grande talento no século XVI teria certamente enlouquecido, ter-se-ia matado com um tiro, ou terminado seus dias em algum chalé isolado, fora da cidade, meio bruxa, meio feiticeira, temida e ridicularizada”. Esta microantologia visa, por meio de minhas queridas amigas e artistas que admiro, dar voz àquelas que, durante todos esses anos tiveram – e têm ainda hoje – suas obras e suas almas perpetuamente silenciadas.

Beatriz C. Fontenelle

À minha mãe, Márcia, espelho e bússola para os meus passos.

Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.

Adélia Prado

Bruna

pernas descalças
cabeleira solta
caindo como cascata nas costas nuas
iluminadas pela luz solar madrepérola

asas abertas
visão de ressaca
reflexões da espuma oceânica
a onda puxando na atração regida pela lua

a língua da terra
molhada fértil naturalmente feminina
inaugurando nossa vulva nossas tetas:

eis que nasce
a consciência
do ser
Mulher

espartilho
eu tiro tudo
ciroula
eu tiro tudo
cinto de castidade
eu tiro tudo
cinto na cintura
eu tiro tudo
segunda pele
eu tiro tudo
shortinho por debaixo do vestido
eu tiro tudo
salto alto
eu tiro tudo
calcinha
eu tiro tudo
soutian
eu tiro tudo

liberta dos grillhões
eu tiro tudo

e vou pra guerra
nua

Sofia

Transpassou meus olhos com os as cores dos seus próprios
Como se fôssemos iguais

E olhou-me nem de baixo
Nem de cima
Como se fôssemos iguais
- horizontes em paralelo

E me tocou nem forte nem fraco
Como se tocasse a si próprio

E me levou como se lavasse
Algo ruim do seu passado

Amou
Como seu eu houvesse também amado

Agradecido, comoveu-se
Com minha imensa generosidade

Olhou-me por último
- que anjo!

Beijou-me
Como se eu houvesse também beijado

Muito satisfeito, foi-se
Autoadmirado.

Lua Fina

Meu ventre
lua fina
de vermelha parafina

Meu ventre
luar que cresce
enquanto o céu te envelhece

Grita o sangue – sou mulher!
e apenas quando eu quiser
será meu ventre lua cheia
imensa
prestes a estourar

e quando for a hora
a mulher que fez aurora
e a mulher que nem mesmo quis
na rede pede o balanço
pro teu corpo,
descanso.

e a lua poderá enfim
assumir a beleza
do seu inteiro
vazio
e viver na lembrança de ter sido rio
correndo, silêncio
ciclo de luz e escuridão

Bendito é o nosso ventre
de vermelha parafina
seria
sereia
será
sempre
menina

Luana

Esquina

Meu espelho refletiu uma sombra de sorriso.
Dentro de mim o que ficou fui eu.

Me derramei em coragem pra me despedir.
Me maquiei de saudade pra, enfim, seguir.

Deixei o passado trancado no quarto.

Como um prato quebrado num dia de visita.
Escondi da memória qualquer fotografia bonita.
Coloquei no rosto a minha melhor cicatriz.

Tirei dos meus ombros os teus braços pesados.
Quebrei com meu punho o que era meu fado.
Enfiei numa mala o que me fazia você.

Abri a porta da sala, desci as escadas daquela lembrança infeliz.
Numa esquina me esqueci de nós.
Deixei ali o que faltava em mim. Ficar a sós.

O cinza da rua me coloriu. Aqui, você não entra mais.

Meu espelho refletiu uma sombra de vaidade.
Com um pouco de coragem, me marquei de batom.
Do meu tom ainda canto que é pra levar meu pranto pra bem longe do que fui.

Amor é palavra batida

Amor é palavra batida
Na máquina de lavar roupa
Perdida em bilhete dobrado
Com papel melado
E nota de dois reais
Amor é palavra batida
Com vodka e gelo
Afogada em desespero
Pelo último gole
da memória que se desfaz
Amor é palavra batida
Na porta, ferida
Não entre, querida
Você já me bateu demais

Nota sobre as autoras

BUNA KALIL OTHERO é autora de Poétiquase (Letramento, 2015). Cursa Letras pela UFMG e pesquisa o corpo na poesia contemporânea de autoria feminina. Publicou poemas em diversos veículos, como o caderno Pensar do jornal Estado de Minas e a revista online Germina – revista de Literatura & Arte.

LUANA SIMONINI é formada em comunicação (Unibh) e redatora publicitária há mais de 10 anos, foi na Letras (UFMG) que sua relação com o texto mudou. Nas esquinas das histórias de desconhecidos, ela encontra abrigo na palavra. Publicou em 2016 o livro de contos Controverso: histórias que beliscam pela Crivo e segue para a segunda.

SOFIA CUPERTINO é cantora e compositora belo-horizontina. Atualmente, dedica-se à pesquisa de mestrado em Música e à composição. Foi aluna de canto popular com Andrea Amendoeira e Babaya. Como intérprete, participou do Projeto Alpercata, que lançou em 2016 o EP autoral Vela Aberta e integrou o grupo vocal Carona Brasil (2013-2016), com o qual gravou o disco De lá pra cá – daqui p'rali.

MARINA LUZ ALVES é estudante de Artes Plásticas pela Guignard. Usa a linguagem fotográfica para compreender a raiz e potência do feminino e seu processo artístico e criativo tem se dado à desconstrução da objetificação projetada no corpo da mulher e no resgate da força desse gênero, desdobrando em experimentações que se entrelaçam ao espaço e tempo.